

Capítulo XVIII - BASTARIA ANA RESPONDER...

Não foi fácil tomar a decisão de deixar a área tumultuada do naufrágio e me deslocar em direção à traineira, caminho percorrido anteriormente pelos sobreviventes que sabiam nadar. Eu tinha feito uma opção que, diante das circunstâncias, seria a mais coerente: encontrar Ana entre os naufragos que, por algum motivo, não tomaram a iniciativa de tentar chegar à traineira para serem resgatados. Mas, agora, pairava na minha mente uma certa decepção por não ter colhido o sucesso almejado que habitou as minhas primeiras expectativas otimistas.

Sem muita alternativa, procurei valorizar um lado positivo na recente escolha que fizera: eu tinha ido procurar Ana, de imediato, na pior situação que se desenhara após o acidente, que era justamente a área crítica do naufrágio. E, agora, eu tinha certeza de que ela não era protagonista daquele caos que parecia interminável. Assim, nadar em direção à traineira representava mudar de lado no cenário do desastre, coerente com aquilo que seria a melhor opção e, certamente, coroar a minha busca com um emocionante reencontro.

Antes de iniciar a minha nova trajetória em direção à traineira, olhei para o Bateau Mouche e constatei que ele ainda mantinha a posição perpendicular à superfície, praticamente idêntica à que assumira ao virar, provocando o naufrágio. Não havia tempo a perder em análises sobre esse comportamento um tanto inexplicável, pois a esperada rotação de 180° sobre o seu próprio eixo longitudinal, não tinha sido completada.

Com um giro no corpo quase completo, procurei também por barcos e lanchas se aproximando para oferecer socorro. Sem nenhuma garantia de estar alinhado com a realidade, o meu sentimento otimista era de que o comandante do Bateau teria tido tempo suficiente para mandar mensagens de SOS que seriam recepcionadas por embarcações em movimento na baía e arredores. Mas o vazio da minha busca espacial, preenchido parcialmente apenas pela presença da laboriosa traineira, deixava-me estarecido com tamanha indiferença em relação às vidas das pessoas.

Capítulo XVIII - BASTARIA ANA RESPONDER...

Eu senti que a minha reação rancorosa em relação ao egoísmo do ser humano fez-me nadar mais rápido em direção à única opção de salvamento na área delimitada pelo grave acidente. Imediatamente, corrigi aquele açoitamento momentâneo e retomei o ritmo mais moderado dos movimentos do meu corpo. Afinal, eu ainda não havia encarado o desafio de prestar socorro à minha namorada, mas o tempo de permanência no mar já contabilizava, por menor que fosse, um consumo da energia que precisava ser dosado para revestir de êxito a minha desafiante missão.

Eu ainda não tinha alcançado a metade do caminho que me levaria à traineira quando os meus pensamentos forjaram uma nova sensação de otimismo. Ana estaria lá, sob os cuidados dos tripulantes do barco salvador, verdadeiros heróis daquele episódio macabro, imerso em dor e desespero. Sim, restavam poucas braçadas para que eu alcançasse uma distância a partir da qual os meus gritos chegariam aos ouvidos da minha namorada e a sua voz, em resposta, ecoaria na imensidão daquela noite inexplicável.

Solitário em meus pensamentos, eu não construí nenhuma barreira para evitar a criação desse novo ambiente mental onde voltara a predominar o otimismo, embora de tênue intensidade. No fundo, ele era a base da minha motivação para superar – o que eu acabara de idealizar – a última etapa de sacrifício, antes de reencontrar Ana.

No entanto, ao ter a traineira ao alcance do meu campo de visão, a expectativa de um final imediato e feliz sofreu um forte abalo. A imagem da embarcação era simplesmente tétrica, com diversas pessoas impossibilitadas de acessar o convés, em função do acúmulo de sobreviventes no interior do barco.

Outros naufragos, extenuados pelo empenho para se deslocar até ali, não suportavam o próprio peso no esforço para superar a lateral do barco. Como consequência, o lado visível da traineira estava repleto de pessoas que seguravam cordas de atracação e, em alguns casos, a própria parte superior da amurada, mantendo boa parte do corpo ainda imersa no mar. Diante do caos que se formara, era razoável supor que aquela situação de inúmeras pessoas pendentes no casco da traineira também se repetia do outro lado, fora do meu campo de visão.

Capítulo XVIII - BASTARIA ANA RESPONDER...

Eu estava propenso a iniciar a minha série de gritos, chamando por Ana, mas a balbúrdia criada pelo acúmulo de sobreviventes, no interior e nas laterais da embarcação, inibia as minhas atitudes nesse sentido. Parecia que uma parte dos naufragos tentava estimular os tripulantes para iniciar o regresso à terra firme, enquanto outros, ainda gritavam alucinadamente pelo nome de seus parentes e amigos que estavam desaparecidos.

Nesse rápido período de indecisão da minha parte, eu refleti sobre a coragem do comandante que, nitidamente, colocara em risco à vida de seus familiares e convidados ao parar o seu barco e aceitar, sem limite de acesso, um número incalculável de sobreviventes.

Ali, de onde eu me posicionara, guardando uma distância de segurança em relação à traineira e à sua superlotação, a sensação era de que um novo naufrágio estava prestes a acontecer. Contudo, as orações a bordo e ao redor do barco deviam estar conduzindo as decisões do comandante. Certamente, ele sabia que o seu barco representava uma tábua de salvação e que os naufragos a ele se agarravam na luta pela sobrevivência.

Mesmo assim, eu não pude deixar de expressar a mim mesmo uma série dúvida: como aquela embarcação iria navegar com tantas pessoas penduradas na amurada, comprometendo o equilíbrio do barco ?

Eu continuava impactado pela confusão que parecia aumentar de intensidade a cada momento. Como resultado, uma estranha imobilização prevalecia no meu comportamento, mesmo estando dentro d'água e com o firme compromisso de encontrar a minha namorada.

Em poucos segundos, o sentimento de hesitação foi superado pela necessidade de ter iniciativa e cumprir a minha missão. Decidi, então, me aproximar mais um pouco do barco, rompendo o limite de segurança que havia definido antes. Tudo com o objetivo de aumentar as chances de ser ouvido no interior da traineira.

Capítulo XVIII - BASTARIA ANA RESPONDER...

Os meus primeiros gritos por Ana saíram a “plenos pulmões” considerando, no entanto, que o fôlego já não era o mesmo de quando o naufrágio ocorreu.

Com a esperança de ouvir uma resposta aliviadora dos meus anseios, posicionei a minha cabeça para facilitar a captura pelo meu ouvido esquerdo de alguma resposta coerente ou, melhor ainda, do meu nome.

No entanto, daquela mistura de sons altos e superpostos não identifiquei nada que pudesse ser interpretado como se fosse Ana, em voz estridente, alegre e surpresa com a minha presença nas proximidades da traineira.

Sem querer perder as esperanças, aumentei o risco de ser atingido por alguém que perdesse o equilíbrio ou pulasse deliberadamente no mar, desistindo de permanecer no tumulto do convés, e me aproximei um pouco mais do barco, mantendo a voz elevada, chamando por Ana.

Eu ainda relutava para admitir que Ana não estivesse em algum lugar da traineira. Procurei aproveitar as frações de segundo nas quais os gritos vindos do barco pareciam menos intensos, para disparar os meus chamados por Ana. Mas, tudo em vão.

Não havia mais o que tentar. Ela, definitivamente, não estava lá entre aqueles sobreviventes que não se entendiam em relação a como seria concretizado o seu próprio salvamento, pois a traineira continuava praticamente no mesmo lugar, em movimento pendular ao sabor das ondas

E quanto a mim, considerei totalmente contraproducente procurar um espaço naquele barco com o objetivo de ser salvo. Só me restava, então, continuar pensando em alguma alternativa para encontrar Ana, em busca de uma saída daquele massacrante tormento que parecia interminável.

